

**IMPERATIVO:
UMA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS
NA LÍNGUA FALADA DE SALVADOR**

Jeferson da Silva Alves (PUC-Minas)
jefersonsalves@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisar-se-á o uso do modo imperativo (singular), manifesta nas formas associadas às formas do indicativo e do subjuntivo, na língua falada em Salvador, em contextos sociais distintos, usando-se, para isso, os corpora PEPP e NURC. Para tanto, tomando-se como base para a análise a Teoria da Variação Laboviana, faz-se o levantamento dos contextos linguísticos em que ocorre a variação, relacionando-os às variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade, faixa etária e gênero.

Palavras-chave:

Uso do modo imperativo; Língua falada; Variáveis extralinguísticas

INTRODUÇÃO

Diferentemente do português europeu (PE) e do que está prescrito nas gramáticas normativas² (GN), o português brasileiro (PB) apresenta variação para o uso do modo imperativo exibindo a variante expressa pelo modo indicativo ou imperativo *verdadeiro*³ (cant**A**, beb**E** e part**E**) e a variante expressa pelo modo subjuntivo ou imperativo *não verdadeiro* (cant**E**, beb**A** e part**A**) para a segunda pessoa do discurso: *tu* segunda pessoa direta e *você* segunda pessoa indireta⁴

² Foram consultadas 16 gramáticas normativas para confecção do presente trabalho: André (1997); Bechara (1999); Cegalla (2002); Cipro Neto; Infante (1998); Cunha; Cintra (1985; 2001a; 2001b); Nicola (1997); Infante (2001); Faraco; Moura; (1999; 2002); Mattos; Megale (1990); Rocha Lima (2001); Sacconi (1994); Torres (1956); Tufano (1997).

³ Nesse artigo (O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translinguística), Scherre; Cardoso e Lunquinho fazem uma análise do que é imperativo verdadeiro e não-verdadeiro a partir de propostas de outros autores e enquadram o português como língua que possui parcialmente o imperativo verdadeiro.

⁴ Kato (1994) chama o tratamento utilizado pelo pronome *você* de segunda pessoa indireta porque faz a concordância verbal com a terceira pessoa, contudo, percebemos no PB que no uso do pronome *tu*, chamado de reto pelas GN também faz concordância com a terceira pessoa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(que a gramática chama de forma de tratamento) independente do uso de um ou de outro pronome.

Pesquisas mostram que tal variação se configura por um recorte geográfico: i) nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste (preferência pela forma indicativa) e ii) na região Nordeste (preferência pela forma subjuntiva). Revelam ainda que não haja estigma por nenhuma das duas variantes e vislumbram alguns condicionamentos que influenciam na escolha de uma ou de outra variante. Em nossas análises consideraremos quatro variáveis independentes conforme indicamos em (1a), (1b), (1c) e (1d) abaixo:

(1) Variáveis independentes

Variável linguística

(1a) Polaridade da estrutura

Afirmativa

Negativa

Variáveis sociais

(1b) Sexo do falante

Homem

Mulher

(1c) Idade do falante

25 a 35 anos

45 a 55 anos

Acima de 65 anos

(1d) Escolaridade do falante

Primária (atual ensino fundamental)

Média

Universitária

Ademais desses, outros fatores influenciam na escolha das variantes envolvidas para o uso do modo imperativo como apontam ou-

tras pesquisas⁵ como: 1) Número de sílabas do verbo na forma infinitiva: monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo; 2) Conjugação verbal: verbos regulares e verbos irregulares; 3) Vogal precedente à forma verbal conjugada (ou ausência de vogal); 4) Tipo de discurso: discurso dirigido à segunda pessoa, discurso direto (em narração), discurso dirigido ao entrevistador; 5) Paralelismo discursivo: Presença de verbo da mesma conjugação e presença de verbo de outra conjugação; 6) Função do verbo no discurso: marcador discursivo⁶ ou verbo com uso semântico referencial; 7) Tipo de texto; Presença de vocativo Anteposto ou pós-posto ao verbo); 8) Presença, tipo e posição de clítico.

CONTEXTO DISCURSIVO DE SALVADOR

O contexto discursivo da língua falada em Salvador é de uso exclusivo do pronome *você*, contexto em que a tradição gramatical prescreve o uso do modo imperativo associado às formas do subjuntivo (cantE, bebA, partA) tanto para polaridade afirmativa quanto para polaridade negativa. Contudo, percebemos a incorporação de elementos que os compêndios gramaticais associam ao uso do pronome *tu* como uso dos pronomes *te*, *teu/tua* e *ti*. Ademais, percebemos o uso do imperativo associado ao indicativo com frequência global de 28% em estruturas afirmativas e negativas como demonstraremos no corpo deste trabalho.

Portanto, em se tratando do uso do modo imperativo, não se tem relação muito clara no que diz respeito ao uso do *tu* ou *você* como prescreve a tradição gramatical. Como demonstram as análises

⁵ Seguem em ordem alfabética os trabalhos produzidos sobre o imperativo e utilizados para o auxílio na confecção desse trabalho: Alves (2006); Alves; Alves (2005; 2007); Borges (2005); Cardoso (2007); Jesus (2006); Sampaio (2001); Santos (2006; 2007); Scherre (2002; 2003; 2004; 2005; 2007); Scherre; Cardoso; Lunguinho (2005); Scherre et ali (1998; 2000).

⁶ Duas palavras com percepção visual em seu sentido original, os verbos "olhar" e "ver", em suas formas imperativas, em alguns casos apresentam componente interacional dirigido ao ouvinte. Como define Rost (2005 *apud* ALVES 2006), esse componente "recai também, em alguns contextos, sobre determinados elementos e idéias veiculadas no texto do próprio falante à medida que ele, para organizar a sua fala, envolve-se menos com o ouvinte e mais consigo mesmo".

em grande parte do território brasileiro, as formas associadas ao indicativo são as formas que gozam de mais prestígio social, já que, como sabemos, a região Nordeste é estigmatizada e sofre muito preconceito linguístico, muitas vezes caricaturado na mídia, fortalecendo mais ainda a visão preconceituosa em relação a tais falantes. Assim sendo, “a variação do imperativo é um fenômeno que nos ajuda[rá] a concretizar a idéia de que este preconceito não é fruto da defesa pelas formas que seriam gramaticalmente corretas, mas sim de uma perseguição às formas estigmatizadas” (Andrade; Melo; Schere, 2007, p. 11). O critério para se estigmatizar uma variante, segundo Andrade, Melo e Scherre (2007, p. 11), “não é o seu grau de aproximação à norma gramatical: o critério é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta”.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para investigação linguística desta pesquisa, foi adotada a metodologia Sociolinguística Variacionista⁷, com objetivo de realizar a análise quantitativa das variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas no uso do imperativo, na forma do indicativo e do subjuntivo, reveladas na língua falada *popular* e *culta* em Salvador.

Os corpora

Para a investigação linguística desta pesquisa, foram utilizados os *corpora* do Projeto de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP (Escolaridade Primária e Média) e do Projeto de Estudos da Norma Urbana Culta, NURC Salvador (Escolaridade Universitária), ambas as amostras foram constituídas na década de 1990.

É de suma importância salientar que na análise dos *corpora*, PEPP e NURC, os informantes selecionados obedecem a três faixas

⁷ Cf. Weinreich; Labov; Herzog (1968; 2006); Labov (1975; 1981) Sankoff (1988a). O pressuposto básico dessa teoria associa à estrutura linguística a noção de heterogeneidade ordenada: a concepção de língua é inerentemente variável e a suposta variação livre é vista como passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas e não linguísticas (variáveis sociais, por exemplo).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

etárias: Faixa 1 (F1), com informantes entre 25 e 35 anos, como os mais jovens; Faixa 2 (F2), com informantes entre 45 e 55 anos, faixa intermediária e Faixa 3 (F3), cujos informantes têm mais de 65 anos, como os mais velhos. Em cada um dos grupos (primário, médio e universitário) há informantes dos dois sexos distribuídos igualmente. Ademais da idade e do sexo, o aspecto que os distingue refere-se ao nível de escolaridade.

A partir da seleção dos *corpora*, levantamos as ocorrências em que se utilizou a expressão variável do imperativo singular nas formas associadas ao indicativo e ao subjuntivo. Após essa etapa, submetemos os dados ao pacote de programas de regras variáveis *GoldVarb 2.0*⁸ que levantou os dados quantitativos para a análise relacionando-os as formas variantes aos contextos linguísticos e sociais envolvidos.

População E Amostra

Os dezoito inquiridos do tipo diálogo entre o informante e o documentador (DID) analisados no presente, foram tomados em número de doze do PEPP, distribuídos em seis de escolaridade primária e seis de escolaridade média e em seis do NURC, de escolaridade com formação universitária.

A amostra dos *corpora* está constituída de conversas em situações semi-informais, em que se deixa o informante falar à vontade sobre um tema (educação, infância, profissão, vida social, etc.), e o entrevistador só intervém quando julga necessário, para estimular o entrevistado a falar por meio de perguntas curtas ou mudanças de assunto.

Os informantes entrevistados, por sua vez, estão compostos de nove homens e nove mulheres, o que favorece o equilíbrio entre os gêneros, distribuídos em três homens e três mulheres para cada escolaridade, e três faixas etárias. Atribui-se de suma importância a esses informantes, o fato de preencherem os requisitos de serem nas-

⁸ Cf. Sankoff (1988b); Pintzuk (1988); Guy (1998) Guy; Zilles (2006); Naro (2003); Scherre; Naro (2003).

cidos na cidade objeto de estudo, ou seja, serem naturais de Salvador, nela ter residido desde os cinco anos de idade, terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferencialmente nascidos na cidade em exame.

ANÁLISE DOS DADOS

Em nossa análise, iniciaremos dando um levantamento global das ocorrências de estruturas imperativas encontradas nos *corpora* levando em consideração as variantes associadas ao modo indicativo e ao modo subjuntivo.

Modo Imperativo	Aplicativo/Total	Frequência
Indicativo	44/153	28%
Subjuntivo	109/153	72%

Tabela 1: Ocorrências do modo imperativo nos *corpora*.

Percebe-se, a partir da análise da tabela 1, que a preferência para a expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador se configura em maior parte pelas formas associadas ao subjuntivo com 109/153 ocorrências ou 72% do tipo: (1) Se **prepara**, a vida é assim... e tal. e (2) Não **diga** não... pelo amor de Deus, ele vai arrancar meu dedo. Encontramos, entretanto, 44/153 ocorrências ou 28% de estruturas associadas ao modo indicativo do tipo: (3) **Olha** aí um exemplo: era areia tudo pra... pra... pra até, pra ficar... e (4) Não **vende** não.

A seguir, analisaremos as variáveis independentes: 1) Polaridade da estrutura; 2) Sexo do falante; 3) Idade do falante; 4) escolaridade do falante. Ademais dessas, analisaremos o fator idade relacionando-o com a escolaridade dos falantes separadamente e uma breve apresentação de resultados sobre o imperativo em algumas regiões da Bahia.

Polaridade da estrutura

Como ilustra a tabela 1, a polaridade afirmativa favorece o uso do modo indicativo, confirmando a hipótese de que o imperativo na polaridade afirmativa estaria mais associado ao indicativo, enquanto que na polaridade negativa não estaria associado a tal modo. Em nossos dados, verificamos uma grande concentração de imperativo associado ao indicativo na polaridade afirmativa com o peso relativo de .53 que é relativamente próximo ao ponto neutro. Entretanto, a diferença entre a polaridade afirmativa e negativa (de .23) é estatisticamente relevante. Segundo Sankof (1988a apud SCHERRE; 2003), “é a comparação entre os efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”.

Polaridade	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Afirmativa	41/133	31%	.53
Negativa	3/20	15%	.30
Total	44/153	28%	

Tabela 2: Uso da forma indicativa com valor imperativo nas polaridades afirmativa e negativa

Conforme vimos nos resultados expostos, a polaridade negativa não apresenta apenas enunciados imperativos associados à forma do subjuntivo. Conforme delinea a seção 4.1.1, veremos os contextos em que o uso do imperativo na polaridade negativa favorece a forma associada ao indicativo.

Polaridade negativa

A polaridade negativa (no uso do modo imperativo) no português brasileiro, segundo Scherre, Cardoso e Lunguinho (2005, p. 506), “não há restrição absoluta”, já que tanto o imperativo associado ao indicativo quanto ao subjuntivo “podem ser negados” como ilustram os exemplos em (5) e (6):

(5) Não **deixa** aqui que para lhe dar para você o enxoval do seu casamento.

(6) Não **traga** aqui em casa que eu não quero essa pessoa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nas construções imperativas na polaridade negativa, como ilustra a tabela 2, há desfavorecimento do uso do verbo imperativo associado à forma indicativa com peso relativo .30 e frequência de somente 15%. Em outras palavras, a polaridade negativa favorece quase que categoricamente a forma associada ao subjuntivo como representa o exemplo em (7):

(7) “Dona G... não **bote**, L... é uma menina que não é tão forte, pra que você vai botar ela lá?”

Pesquisas apontam, contudo, que há um aumento de imperativo associado ao indicativo na polaridade negativa em:

1) Estruturas com negação pós-verbal

(8) **Liga** não... intelectuais costumam responder perguntas com outras perguntas.

2) Estruturas com dupla negação

(9) Não **vende** não minha mãe.

Sexo do falante

A tabela 2, a seguir, mostra um equilíbrio no uso do indicativo no emprego do modo imperativo com 27% para o homem e 30% para mulher e peso relativo de .48 e .51 respectivamente.

Sexo	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Homem	21/77	27%	.48
Mulher	23/76	30%	.51
Total	44/153	28%	

Tabela 3:

Uso da forma indicativa com valor imperativo entre homens e mulheres.

O sexo do falante, como revela a tabela 2, portanto, não está condicionando para a variação no uso do imperativo. Pesquisas apontam que, ainda, não há clareza do papel do gênero feminino em questões de variação linguística. Conforme Sampaio (2001, p. 105), as mulheres tendem a fazer uso de formas ligadas à norma padrão, enquanto que os homens se distanciam destas, independentemente de envolver variação estável ou mudança linguística.

Idade do falante

Como configura a tabela 3, a idade do falante é um fator que condiciona a variação do uso do modo imperativo na língua falada em Salvador. A faixa etária 2 (45 a 55 anos) é a que mais favorece o uso da forma associada ao indicativo com peso relativo de .58, relativamente próximo ao ponto neutro, seguida da faixa 1 (25 a 35 anos) com peso relativo .48 com diferença de .10 nos pesos relativos, ao contrário ocorre entre os mais velhos, faixa etária 3 (acima de 65 anos), que desfavorece o uso da forma do indicativo com peso relativo igual a .27 com diferença de .21 pontos em relação aos mais jovens e de .31 com os falantes intermediários.

Idade	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
25 a 35 anos	7/27	26%	.48
45 a 55 anos	33/94	35%	.58
+65 anos	4/32	12%	.27
Total	44/153	28%	

Tabela 4: Uso da forma indicativa com valor imperativo nas três faixas etárias

Nossa pesquisa corrobora a hipótese de que a idade do falante é um fator fortemente influenciador na variação linguística, o que pode indicar uma possível mudança em curso (Cf. Sampaio, 2001, p. 78-9), uma vez que analisando as frequências notamos que a faixa etária acima de 65 anos utiliza somente 12% de imperativos associados à forma indicativa.

Escolaridade do falante

Na tabela 4, os falantes com escolaridade universitária utilizam em maior frequência as formas associadas ao indicativo para a expressão do modo imperativo com 37% e peso relativo de .60 seguidos dos falantes de escolaridade primária com 31% e peso relativo de .54 (mais próximo do ponto neutro do que a escolaridade superior), ao passo que a escolaridade média desfavorece levemente as formas associadas ao indicativo com peso relativo igual a .35 e frequência de 17%.

Escolaridade	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Primária	21/67	31%	.54
Média	8/46	17%	.35
Universitária	15/40	37%	.60
Total	44/153	28%	

Tabela 5: Uso da forma indicativa com valor imperativo nas três escolaridades.

A seguir, analisaremos o efeito idade amalgamado à escolaridade dos falantes para verificarmos se em algum momento os falantes passam a utilizar mais as formas associadas ao indicativo para a expressão do modo imperativo.

Efeito idade vs escolaridade

O efeito idade em junção com a escolaridade se revelou um elemento bastante instigante, pois cada idade nas diferentes escolaridades age de maneira diferente.

Acima de 65 anos	45 a 55 anos	25 a 35 anos
Primária 1/19 = 5%	Primária 19/33 = 58%	Primária 1/15 = 7%
Média 1/8 = 12%	Média 4/30 = 13%	Média 3/8 = 38%
Universitária 2/5 = 40%	Universitária 10/32 = 32%	Universitária 3/4 = 75%

Quadro 1:

Efeito idade vs escolaridade no uso da forma indicativa com valor imperativo

Como revela o quadro 1 acima, a faixa etária 1 (25 a 35 anos) é a que há mais diferença em seus percentuais, já que como podemos ver, quanto mais escolarizados, os falantes fogem à norma de Salvador, ou seja, o uso do imperativo nas formas do subjuntivo. Os falantes de 25 a 35 anos na escolaridade primária utilizaram somente 7% de imperativo associado ao indicativo seguido da escolaridade média com um aumento de 31 pontos percentuais (38%) e da escolaridade universitária que teve um aumento percentual de 68 pontos em relação àquela (primária) e 37 pontos a esta (média).

Na faixa etária intermediária (com falantes de 45 a 55 anos), houve algo que se analisado separadamente poderia ter interpretação

de que falantes com menos escolarização tenderia a utilizar as formas que não são consideradas o padrão da comunidade: o uso do subjuntivo, já que os falantes da escolaridade primária utilizaram o imperativo associado ao indicativo 19 vezes ou 58%, ao passo que os falantes da escolaridade média fez com que esse percentual decrescesse em 45 pontos percentuais, ou seja, estes utilizaram somente 4 ocorrências no indicativo ou 13%. Ao contrário destes, os falantes universitários utilizaram 10 ocorrências de enunciados imperativos associados ao indicativo ou 32%.

Na faixa etária 3 (com falantes acima de 65 anos), percebemos um aumento gradual de imperativos associados ao indicativo com o aumento da escolarização dos falantes, algo muito parecido com faixa etária mais jovem só que o crescimento foi mais tímido. Os falantes da escolaridade primária utilizaram somente 5% de imperativos associados ao indicativo, enquanto que a escolaridade média aumenta esse percentual em 7 pontos (12%) seguida da universitária que aumenta 35 em relação à escolaridade primária e 28 em relação à média.

USO DO MODO IMPERATIVO NO ESTADO DA BAHIA

As pesquisas sobre o imperativo na Bahia se iniciaram em 2000 com Dilcéia Almeida Sampaio com sua dissertação de mestrado concluída em 2001. Em 2005, os alunos de graduação Jeferson da Silva Alves e Aiala Paloma Oliveira Alves, com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado às Faculdades Jorge Amado em Salvador, também contribuíram para o entendimento de tal fenômeno linguístico na língua falada em Salvador. Em 2006, surgiram pesquisas em Zonas Rurais da Bahia com a estudante de graduação e bolsista de iniciação científica Lanuza Lima Santos, vinculada ao Projeto Vertentes do Português Rural do estado da Bahia (VERTENTES) coordenado pelo professor Dr. Dante Lucchesi no Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto tem como objetivo principal observar a realidade atual dos falares rurais do Estado da Bahia buscando lançar luzes sobre os processos que constituem a história sociolinguística desses falares, particularmente os processos derivados do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africa-

nas, que marcam a formação da realidade linguística brasileira.

Nesta dimensão, incluem-se as diferenças linguísticas no que se refere à expressão variável do imperativo singular observadas entre regiões distintas da Bahia, onde se fala a mesma língua, a saber: **1.** Salvador (Sampaio, 2001; Alves; Alves, 2005; 2007); **2.** Quatro comunidades rurais Afro-descendentes, a saber: **i.** Helvécia, no extremo Sul da Bahia; **ii.** Rio de Contas, no semi-árido; **iii.** Cinzento, na Zona da mata e **iv.** Sapé, no Recôncavo baiano (os dados aqui foram extraídos de Santos, 2007b); **3.** Duas comunidades rurais, a saber: **i.** Santo Antonio de Jesus, no Recôncavo baiano e **ii.** Poções, no centro-sul da Bahia (os dados aqui foram extraídos de Santos, 2007a). Sabemos que a variação diatópica ou regional pode ocorrer de país para país (Brasil, Portugal, Angola, por exemplo), de região para região (região sul, com os falares gaúcho, catarinense, por exemplo, e região nordeste, com os falares baiano, pernambucano, etc.), dentro de uma mesma região (Salvador, comunidades rurais e comunidades rurais afro-descendentes, na Bahia).

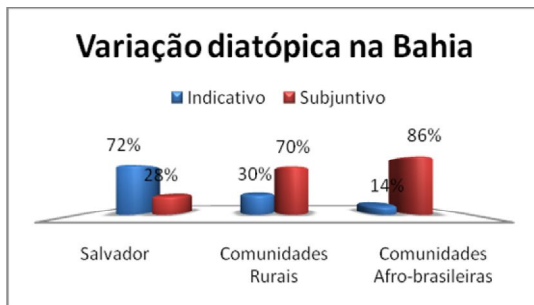


Gráfico 1: Variação diatópica (regional) no estado da Bahia

Como simula o gráfico acima, a expressão variável do imperativo se manifesta em maior parte pelo indicativo em regiões [- urbanizadas] como nas comunidades rurais afro-descendentes (86%) e nas comunidades rurais (70%) ao passo que na região [+ Urbanizada] de Salvador a preferência é pelo subjuntivo com o total de 72% das ocorrências.

A região está, portanto, atuando para variação da expressão do imperativo singular no estado da Bahia.

CONCLUSÕES

Ao fim de nossas análises, percebemos, a partir do uso global, que a forma mais presente na língua falada em Salvador em enunciados imperativos é a forma associada ao subjuntivo com 72% das ocorrências. Contudo, percebemos que as variáveis independentes influenciam no uso de uma forma ou de outra: indicativo ou subjuntivo em maior ou menor escala a depender da variável independente (linguística ou social) como veremos a seguir:

1. Polaridade da estrutura: a polaridade afirmativa favorece fortemente no uso do indicativo com peso relativo muito próximo ao ponto neutro (.53) e a polaridade negativa inversamente desfavorece com peso relativo de .30, porém, em alguns contextos seu uso é licenciado, como: negação pós-verbal e dupla negação.

2. Sexo do falante: neste ponto, percebemos que o sexo do falante não está condicionando para variação, pois, ambos ficaram próximos ao ponto neutro (.48 e .51) e com frequência de 27% e 30% respectivamente para o homem e a mulher.

3. Idade do falante: percebemos, neste fator, que a idade do falante está atuando como fator para a variação no uso do modo imperativo, revelando que os mais jovens são os falantes que mais favorecem as formas do indicativo com peso relativo igual a .48, seguidos dos falantes da faixa intermediária com peso relativo de .58, ambas bem próximas ao ponto neutro, ao passo que os falantes mais velhos desfavorecem com peso relativo de .27.

4. Escolaridade do falante: o fator escolarização se revelou, também, como atuante para a variação no uso do imperativo associado ao indicativo, com a escolaridade primária e a universitária como grandes favorecedoras com pesos relativos iguais a .54 e .60 respectivamente e a escolaridade média como desfavorecedora com peso relativo igual a .35.

5. Idade vs escolaridade do falante: neste amálgama, percebemos que os falantes mais jovens da escolaridade universitária estão utilizando as formas do indicativo em 75% das ocorrências, algo muito parecido ao encontrado em pesquisas em zonas rurais da Bahia (70% de indicativo): Santo Antonio de Jesus (56%) e Poções (84%), esta última, está geograficamente mais distante da capital e mais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

próxima ao estado de Minas Gerais (Zona dialetal de Indicativo) (Cf. Santos; 2007a, p. 8).

Concluímos, portanto, que formas associadas ao indicativo em enunciados imperativos estão presentes na língua falada em Salvador e que a escolaridade universitária é a que mais utiliza tais formas e que o fator mais condicionante para tal uso são os falantes mais jovens dessa escolaridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jeferson. A expressão variável do imperativo nas tiras do "Menino Maluquinho". **In:** *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro: Edições Dialogarts, v. 6, p. 84-94, 2006.

———; ALVES, Aiala Paloma Oliveira. *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdade Jorge Amado, Curso de Letras, Trabalho de Conclusão de Curso, 2005.

———; ———.. O imperativo na língua falada culta e popular dos soteropolitanos. **In:** *Anais da X Semana de Mobilização Científica*. Salvador: UCSAL, 2007.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: Parte I. **In:** MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica. **In:** *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 5ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro. Lucerna, 1999, p. 283.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CARDOSO, Daniela. A expressão do modo imperativo no dialeto gaúcho: uma regra variável. **In:** *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, Nº 9, agosto de 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43ª ed. São Paulo: Nacional, 2002.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Língua e Sociedade: variação e conservação linguística*. **In:** *Nova gramática do português contemporâneo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

———. *Nova gramática do português contemporâneo*: 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

———. *Nova gramática do português contemporâneo*: terceira edição revista. Nova apresentação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

FARACO & MOURA. *Gramática*. 19ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

———. *Língua e Literatura*: 2º grau. Volume único. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

JESUS, Étel Teixeira de. *O nordeste na mídia e os estereótipos linguísticos*: estudo do imperativo na novela *Senhora do Destino*. Brasília: UNB. Dissertação de mestrado, 2006.

KATO, Mary A. Português brasileiro falado: Aquisição em contexto de mudança linguística. **In:** DUARTE, Inês; LEIRIA, I. (orgs.) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Vol. II: Lisboa, p. 211-237.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. 3ª ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

———. What can be learned about change in progress from synchronic descriptions? **In:** SANKOFF, D. & CEDERGREN, H. (eds.) *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Research, Inc. p. 177-99, 1981.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MATTOS, Geraldo; MEGALE, Lafayette. *Português: 2º grau. 3ª ed.* São Paulo: FTD, 1990.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov.* Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NICOLA, José de. *Curso de gramática: aplicada aos textos.* São Paulo: Scipione, 2001.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa.* 41ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática.* 18ª ed. reform. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

SAMPAIO, Dilcéia Almeida. *Modo imperativo: sua manifestação/expressão no português contemporâneo.* Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado, 2001.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. **In:** Newmeyer, Frederick J. (Ed.) *Linguistics: the Cambridge survey.* Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York: Cambridge University Press, p. 141-60, 1988.

SANTOS, Lanuza Lima. O uso do modo imperativo no português rural do Estado da Bahia. **In:** *Anais da X Semana de Mobilização Científica.* Salvador: UCSAL, 2007a.

———. O uso do modo imperativo no português afro-rural. **In:** *Anais da 59ª Reunião Anual da SBPC.* Belem: UFPA, 2007b.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. **In:** BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma.* São Paulo: Loyola, 2002, p. 217- 230 e 242- 251.

———. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. **In:** *Revista Alfa,* São Paulo, 51(1), p. 189-222. 2007.

———. Norma e uso – O imperativo no português brasileiro. **In:**

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (orgs.). *O Português do Brasil-Perspectivas da Pesquisa atual*. (Linguística luso-brasileira, Iberoamericana –Vervuert, 2004, p. 231-260).

———. et alii. O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translinguística. **In:** *Anais do IV Congresso Internacional da Abralín*. Brasília: UNB, 2005, p. 503-9.

———. Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. **In:** PARADIS, c. et alii. (eds.). *Papers in Sociolinguistic*. N.WAVE – 26 à l' Université Laval (Québec): Nota Bene, 1998, p. 63-72.

———. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico*. Florianópolis: Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000, p. 1333-1347.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 8ª ed. rev. E ampl. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. São Paulo: Moderna, 1997.

WEINREICH, U; LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change. Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968.

———. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.